10

Brito Aranha

LIRA INTIMA

BIBLIOTECA NACIONAL

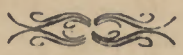
Trinc. 21/48 1º

BRUNO

LIRA INTIMA

POR

JOAQUIM DE ARAUJO



BIBLIOTECA NACIONAL

BRAGA
TYP. DE BERNARDO A. DE SÁ PEREIRA
7, Rua do Forno, 7

LIRA INTIMA

por

JOAQUIM DE ARAUJO

O mais illustre dos representantes da esquerda hegeliana, o auctor da *Essencia do christianismo,* teve um dia esta palavra profunda: — Não ha senão um mal, é o egoismo; não ha senão um bem, é o amor.

No momento em que nos sentamos á banca do trabalho para lançar ao correr da penna, sobre as folhas cuja alvura está á espera de que a macnlemos com o nosso *griffonage* tortuoso, as impressões que acaba de nos suscitar a leitura do livro de versos do snr. Joaquim de Araujo, acudiram-nos á mente as proposições incontraditaveis do grande pensador e mais uma vez nos foi evidente a sua grande, a sua poderosa significação.

Com effeito, cahem as instituições; aluem-se os dogmas; desfazem-se as crenças; a sciencia renova-se; a philosophia busca novos horisontes; toda a fé humana modifica-se, altera-se, substitue-se; as obras que representaram o esforço mais alto e mais puro da intellectualidade, excedidas por novas descobertas, postas no escuro por um criterio mais largo do que o que presidiu á sua elaboração, são esquecidas, ninguem mais as lê, ninguem mais as procura a não ser o paciente investigador erudito que se propõe relacionar as successivas *étapes* percorridas pelo espirito, na sua evolutiva marcha ascencional. Mas as simples canções, as singelas melodias, por que se deliniu esse subjectivismo do apaixonado, permanecem duradouras ao embate demolidor dos tempos que vão passando; e as expressões por que se manifestou o estado psychologico a que se chama o amor, não ha conflicto de ideias, não ha alargamento de fé que as façam envelhecer. É que os sentimentos não se substituiram e a alma do homem conservou-se do mesmo feitio e fórma.

Recentemente, constatando o extraordinario desenvolvimento philosophico e scientifico dos ultimos annos e verificando por outro lado a complicação crescente das exigencias da vida que dão como corollario este quasi febril desenvolvimento da actividade mercantil e industrial, alguns espiritos propensos á melancolia e faceis ao desanimo acabaram por crêr que a fina flôr do ideal desbotára de vez e que no coração do homem moderno já não estremecia este teclado maravilhoso que a phantasia dos poetas mandava gemer em tempos melhores, implacavelmente perdidos.

Vacherot chamou então a este periodo contemporaneo o periodo da atonia moral, e Pelletan com todo o seu doentio mysticismo encarregou-se de tocar o dobre de finados sobre o cadaver da poesia, boiando nas ondas revoltas do industrialismo como a branca figura da amada

do principe dinamarquez, perdida na corrente fugidia, coroada de flôres e beijada da morte.

Mas depois, como bem no fundo, apesar de tudo, ainda se não sentia de todo apagado dentro em nós esse clarão ineffavel que doura o paiz das chimeras, suppôz-se com um criterio bastante estreito que o substractum da poesia tinha de ser suhstituido e, pois que a alma moderna estavasedenta de verdade, que urgia pôr em verso as conquistas da sciencia, unicas idealisações comportaveis com o estado actual dos espiritos, essencialmente doutrinarios e criticos. D'ahi procederam essas aberrações grosseiras da chamada poesia scientifica, disparatada fusão de que é respectivamente inconciliavel, a dedução logica e o exaltamento apaixonado. Uma coisa esqueceu; e foi que o desenvolvimento humano é integral, que a differenciação das ideias não impede que por seu lado se opere a differenciação dos sentimentos, e que, partidas das origens primitivas, se a faculdade intellectiva se havia alargado e depurado, isso não provava por fórma alguma que a sua congenere, a faculdade affectiva, deixasse de existir ou existisse, procedendo dos estados anteriores, não participando d'elles, o que é absurdo e incomprehensivel. Se os sentimentos que inspiraram os grandes liricos, que passaram, permaneceram, se hoje se ama como elles amavam, se hoje se sente como elles sentiram, que motivos ha para dizer que a expressão objectiva d'esses estados psychologicos não teem razão de ser e que no nosso mundo, a poesia lirica deve ser posta na rua á bengala, como o pretendia um dos mais scintillantes mestres da prosa entre nós?

Appella-se para o desenvolvimento do espirito scientifico e philosophico? Mas não se repara que os grandes periodios da florescencia das sciencias e da philosophia são exactamente os periodos em que o lirismo attingue as suas manifestações mais puras e mais altas, a Grecia de Aristoteles e Platão, a Roma de Lucrecio e Virgilio, a Renascença? Não se recordarão de que o principio do nos-

so seculo foi assignalado por uma extraordinaria expansão do subjectivismo lirico e por uma não menor do espirito objectivo, de analyse e critica, na fundação de novas sciencias, na renovação da philosophia?

Falla-se na aspera lucta da vida moderna que não deixa tempo para as abstractas idealisações? Mas nas sociedades que nos precederam, essa lucta pela existencia era incomparavelmente mais hostil, e nas classes inferiores ella pesava com o hediondo gravame de mil tyrannias odiosas e é precisamente d'esse fundo social que irrompem os cantos mais commovidos, as puras idealisações mais transcendentes, n'essas admiraveis canções para se chegar ás quaes, retemperando-se n'essa fonte viva de inspiração, é que convergiu todo o esforço do Romatismo, que, com Gervinus, assim se explicou scientificamente.

Não! Não cremos que a poesia lirica, a expressão mais pura e mais delicadamente ideal da arte, vá em pleno trabalho de dissociação; ella, como todas as manifestações da actividade humana, não é independente, quanto ás modificações que possa experimentar, pelo que se refere á fórma por que se affirma a evolução dos sentimentos humanos, mas d'ahi para concluir que ella se dissolve seria preciso começar por demonstrar que o sentimento de que é procedente caminha em via de extincção. Com certeza que, depurado pela evolução da civilisação humana o sentimento selectivo da especie, o poeta lirico moderno não vae dizer nos seus versos a attracção passional, quasi exclusivamente carnal, que torna por vezes illegivel o homem de Bilbilis, com todas as suas finas ironias bizarras que lembram Heine, ou Petronio, esse purissimo doutor da impuresa, como ao auctor do *Satyricon* chamaram os doutos. Elle passará a exprimir o eterno amor com a castidade e as delicadezas de que esse sentimento se tem adornado progressivamente com o andar dos tempos; mas, d'uma fórma ou d'outra, exprimindo-o, dando voz ás multiplas anciedades, ás aspirações indefinidas, aos va-

gos enlevos por que o amor nos agita a nós, homens d'este tempo, elle não é um intruso, como o ebrio Alcibiades no banquete em que Platão relata de como foi definido o amor, antes occupa o lugar eminente que de direito lhe pertence.

E não se diga que o poeta, fallando de si, fazendo ao publico, que o lê, a confidencia do seu amor, não passa d'um impertinente que forceja por nos distrahir com a narração d'um caso pessoal que só a elle interessa.

Por fórma alguma; fallando-nos de si, é de nós que elle falla; as suas alegrias, nós as sentimos; a mesma anciedade nos possue; as lagrimas que elle chora sentimol-as deslisar nas nossas faces. Elle não é senão—e essa é a sua gloria—o porta-voz do sentimento humano; da sua lira divina, o sopro que agita as cordas, vem das nossas almas; o que lhe fermenta no cerebro é o que nós não podemos exprimir e o a que elle, por nós, se encarrega de dar umas brancas azas para que possa partir e voar.

Porque é que Schopenhauer chama ao poeta o homem universal? Elle o diz, é porque é a humanidade inteira, nas suas profundezas intimas que elle rellecte; e todos os sentimentos que milhões de gerações passadas, presentes e futuras experimentaram e experimentarão, nas mesmas circumstancias que se reproduzirão sempre, encontram na poesia a sua viva e fiel expressão.

Ora, se de entre esses sentimentos a que se refere no seu conjuncto o mysantropo de Dantzig ha um que represente o papel mais henificente na historia do homem, elle é com certeza o amor. É graças a essa inconsciente escolha no interesse da especie, o que no fim de tudo é o amor, que as qualidades superiores d'esta não só se conservam mas se accrescentam; é por elle que o aggregado social permanece; elle é o factor de todos os progressos; elle resolve-se, na sua expressão mais elevada, n'essa abstracta adoração do bello independente, por que a metaphysica de Platão exprimia já o que vaidosamente

se suppõe novo, o culto da ideia pura, do bem, da justiça, essa cohesão altruista que ha de vir a pôr em debandada os restos resistentes do egoismo primitivo, de que o homem aos poucos se vae affastando.

Registrando, pois, o apparecimento do livro do snr. Joaquim de Araujo, nós fazemol-o com o jubilo sincero dos que constatam, por um documento novo, que no coração dos homens os sentimentos prolificos, as aspirações fecundas não desappareceram ainda; dos que verificam que, a despeito de todas as declamações em contrario, a todo o instante se estão revelando symptomas de que crepita ainda na alma da gente nova o mesmo enthusiasmo generoso, que em todos os tempos foi uso a certos conceder só ás epochas a esses anteriores.

Analysar um livro de versos é o mais das vezes corromper-lhe o espirito e adulterar-lhe a significação. As melhores criticas são sempre as leituras reflectidas; e de certo interpretar o pensamento alheio não pertence senão áquelles que uma disposição de espirito analoga á dos cujo subjectivismo pretendem explicar, approxima e entrelaça. Não é, pois, a um prosador obscuro, como nós outro, vindo do tedio das occupações diarias ou do frio debate das opiniões que se procure ir acompanhando, que essa tarefa incumbe naturalmente. Nem a tanto nos abalançariamos, se a larga convivencia de annos com o auctor do livro de que fallamos nos não permittisse mais ou menos comprehender a estructura mesma do seu espirito.

Joaquim de Araujo é uma natureza de contemplativo; lymphatico e fraco, elle no meio do conflicto moderno acha-se um pouco deslocado, como um homem recemvindo d'um mundo extincto. A sua poesia resente-se d'isto; ella é essencialmente intima, d'um subjectivismo absorvente. Não é para o poeta que a natureza se cobre das galas mais radiosas; elle não é o pagão adorador da fórma, que cáia em extasis deante da linha immortal na sua pureza viva. A creatura meiga a que dedica os seus can-

tos tem a diaphana transparencia das visões gaelicas; ella emerge vaporosamente da dormente serenidade dos lagos, e esbate-se, perdendo-se na bruma, com que se confunde. Nunca sensualmente o poeta falla dos cabellos da sua amada, dos seus dôces olhos; quasi nunca a veste mesmo da fórma concreta dos seres vivos; ella conserva-se por definir, no vago dos symbolos chimericos, não é uma realidade que o artista destaque do conjuncto harmonico das realidades, é uma abstracção impessoal, uma impalpitavel e transcendente apparição que lhe vae fugindo, deixando-o immerso n'uma melancolia suave, que é um dos mais significativos traços caracteristicos da sua inspiração.

Ha com effeito em toda a *Lira intima* um perfume de tristeza ideal que torna este livro eminentemente sympathico a todos os que conheceram uma vez essa singular morbidez, que se desprende dos dias ennevoados, das ruas estreitas das antigas cidades, que sobe do mar, povoa os cantos dos lakistas, habita nas ondas sonoras das symphonias de Beethowen.

Essa vaga tristeza que, tão notavel já na decadencia romana, o christianismo victorioso generalisou e que se perpetua, perdido o paroxismo inicial, no mundo moderno, provém do feitio mesmo do espirito do poeta; elle é, senão pelo dogma, pelo sentimento, profundamente christão; quer dizer, fechando os olhos á realidade que o fere, o poeta concentra, como os antigos crentes, todas as forças da sua alma no exame da propria consciencia, registra-lhe todos os anceios, observa-lhe todas as palpitações, e d'essa analyse cruel pune-o a melancolia que, como profundamente o estudou o grande psychologista inglez Alexandre Bain, é o corollario inevitavel d'essa absorpção subjectivista do homem por si proprio.

Dada esta tendencia do poeta para abstrahir do mundo objectivo, refugiando-se no paiz dos sonhos que encerra, thesouro preciosissimo, dentro em si como um facto a que não queremos buscar explicação, que iriamos, nos

processos de Taine e de toda a critica moderna, procurar aos mil accidentes da vida do artista, desde as suas leituras até as preferencias das suas convivencias, comprehende-se que é preciso possuir um talento bem real e bem pujante para se não tornar monotono, desde que se exprime invariavelmente o mesmo sentimento e se fere a mesma corda.

Mas quando, como o snr. Joaquim de Araujo, se é senhor da mais ampla riqueza de cambiantes na expressão e de coloridas variações sobre o motivo dado, longe de se cahir no fatigante da prolixidade, o quo se consegue é tornar mais intensa, mais vasta e mais profunda a impressão a produzir na alma dos quo nos lêem.

Eminentemente espiritualista, como se disse, não é na inspiração do snr. Joaquim de Araujo que se póde ir buscar a reproducção da natureza pelos processos litterarios de que dispõe; a sua poesia é mais narrativa do que descriptiva; quando relaciona as suas emoções ou assimila pela imagem os seus sentimentos, os seus pontos de referencia busca-os egualmente no seu subjectivismo, fixando-os em outras emoções e outros sentimentos; como o mundo objectivo parece perturbal-o, e no seu idealismo mystico elle lho é inteiramente escusado, raro o artista procura reflectil-o, preoccupado em prender sómente os movimentos da sua consciencia. Este toque especial da poesia do snr. Joaquim de Araujo livra-a dos exaggeros descriptivos, hoje tão vulgares na maioria dos que fazem versos e que parece não poderem subir da expressão do mundo objectivo á menos coercivel representação do mundo interior, salva-a d'essa exhuberancia de côr e brutal tintilação ruidosa do imagens, que a muitos se afligura uma qualidado, quando todos os que não ignoram que a sobriedade é na arte o ideal que se difficulta, sabem muito bem que é isso um grosseiro defeito, e tal, que por elle se differenciam as litteraturas em decadencia, como succede, por exemplo, com a *Metamorphose* de Apuleo,

aonde a critica judiciosa vae constatar essa tendencia a pôr toda a imaginação e toda a invenção nas palavras e a materialisar todos os pensamentos.

A *Lira intima*, não; decorre da primeira á ultima pagina sem esforço e sem violencia, simples e discreta, como uma ingenua confidencia que se murmure ao ouvido d'uma d'essas *miss*, tão puras, de Dickens, n'um interior repousado, junto ao marmore do fogão, sobre que ella prepara o chá, emquanto, deitada na sua poltrona, a velha avó lê o *Times*, e fóra atravez os vidros das janellas, se sente, sem cessar, silenciosamente cahir a neve.

Pela nitidez das tintas de que usa, o snr. Joaquim de Araujo faz recordar naturalmente os parnasianos francezes, pois possue como elles a delicadeza subtil, a incomparavel serenidade, a immortal limpidez do traço. Ha em certas das suas poesias, como na *Revelação*, todo um exemplo de finissimo e magistral amaneiramento; poucas vezes se tem declarado á alma que attrahe a nossa alma a perturbação deliciosa a que ella nos conduz como n'essas admiraveis quadras, d'uma tão exquisita distincção, que nada teem a invejar ás mais perfeitas do genero. Ás vezes, o poeta n'um impeto de paixão procura fundir a sua existencia com a do ente que canta, e são profundamente sentidos os versos, d'essa fórma determinados e em que toda a sua esthesia se transvasa, como esses *Tercettos*, trespassados dos effluvios mais vehementes. Mas logo a visão encantadora desapparece, a alma do poeta confrange-se, e só o que lhe serve de conforto é a consolação abstracta de toda a natureza que lhe falla d'aquella que elle ama:

No caminho, onde nós ambos passamos,
Ó minha casta flôr!
Os passaritos, altos, nos seus ramos,
Fallavam-nos de amor...

E depois quando alli voltei ancioso,
E que já não te vi,
Tudo quanto avistei, n'um tom choroso,
Me fallava de ti...

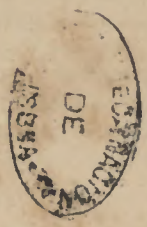
Citar trechos d'este adoravel volume, como *Eterno feminino*, *Lagrimas*, *Oito de setembro*, *Nostalgia*, *Enlevo*, *Poema eterno*, parece-nos completamente erroneo. Não ha alli pagina que não deva lêr-se, nem o pensamento d'um tão perfeito artista se comprehende sem a acquisição integral da sua obra. Especialisaremos ainda assim a poesia dedicada á irmã morta do poeta, que é todo um poema de lagrimas, todo um dolorido poema de saudade.

A fazer reparos sobre o que nos pareça defeituoso não nos atreveremos nós; falta-nos, senão a alma para sentir as bellezas, a sciencia para criticar, e mais ainda a triste coragem de perturbar com uma nota discordante, por minima, todo um concerto de merecidos elogios.

Condensando, pois, em poucas linhas tudo o que deixamos dito, cremos, sem que nos cegue a amisade que consagramos ao auctor da *Lira intima*, que o seu livro ha-de ficar como uma das mais elegantes, das mais puras, das mais completas manifestações do moderno lirismo portuguez; não só pela perfeição inexcedivel da factura dos seus versos, pela orginalidade viva e sentida da sua inspiração, pela graciosissima delicadeza das suas imagens, como principalmente porque elle representa o nobre esforço, absolutamente coroado do exito mais brilhante, para elevar a expressão do subjectivismo amoroso a um grau de abstracta idealidade, tão aerea e transcendente como essas virgens de cabellos d'oiro que nas illuminuras dos antigos missaes olham o céo, penetradas, embebidas do effluvio que descia dos grandes olhos profundos do Nazareno, a cujo culto se votavam, na inteira abnegação e no inteiro desinteresse.

E é por este lado que o livro do snr. Joaquim de Araujo não representa só o successo d'um dos mais seriamente distinctos dos poetas da nova geração; elle interessa e deve preoccupar, pela importancia a que nos referimos, a attenção reflectida de todos os que no nosso paiz pensam e estudam. Tal é a nossa opinião.

1881.

Bruno.

1884